



Apresentação do Dossiê: Educação em tempos de COVID-19

*“O que me interessa na vida é a curiosidade, os desafios,
o bom combate, o desfrute das vitórias e das derrotas.
Carrego muitas cicatrizes, mas também carrego
momentos que jamais teriam acontecido se eu não tivesse
ousado além dos meus limites”.*

Paulo Coelho

O ano de 2020 ficará marcado na vida de pessoas do mundo inteiro como aquele em que ficaram confinadas em casa, tendo que reinventar as formas de viver por causa da pandemia do Coronavírus. Foi nesse ano que o comércio, os parques e outras áreas de lazer, os aeroportos e rodovias, e as escolas fecharam.

A vida como era até então “parou” e novas formas de viver e de se relacionar com o mundo e com as pessoas surgiram. As janelas e as portas das casas e das escolas se fecharam e, para que a comunicação acontecesse e os encontros continuassem, a interação entre as pessoas passou a ser pelas telas de computadores, celulares e outros aparelhos eletrônicos.

Lá no futuro, as pessoas que não viveram essa história, ou que são bem pequenas agora e não se lembrarão de todos esses acontecimentos daqui a alguns anos, poderão se perguntar: “E a educação, como ficou com as escolas fechadas?”

Podemos dizer que tudo tem sido muito controverso (...) algumas pessoas defenderam e defendem a suspensão total das aulas. Muitos acharam que seria por pouco tempo. Mas o isolamento e o distanciamento social estão durando meses. E, depois de tanto tempo, grupos de pessoas passaram a defender o retorno às escolas.

A grande preocupação de docentes, equipes gestoras e dirigentes é a garantia do vínculo das crianças/dos estudantes, com as escolas. Como garantir a continuidade do ensino e da aprendizagem? Há a preocupação com as aprendizagens e a afirmação de que essas precisam ser garantidas, mesmo que por meio do ensino remoto.

Então vão surgindo outras tantas questões e preocupações: com as desigualdades sociais e com a falta de acesso à internet e a recursos tecnológicos necessários ao ensino remoto. Para muitos, o ano está perdido (...). Será mesmo?

Muitos problemas sociais ficaram ainda mais evidentes, em muitos contextos até aumentaram. A violência contra a mulher e contra as crianças, a vulnerabilidade, a fome e a falta de condições básicas para se proteger contra o vírus. Para muitas pessoas, esses são problemas sérios que justificam o retorno às escolas, onde há mais proteção e assistência em relação a tais questões. Por outro lado, as escolas, principalmente as da rede pública, não apresentam infraestrutura adequada e nem mesmo recursos humanos suficientes para a garantia de um retorno seguro. O dilema perdura por tanto tempo quanto dura a pandemia. Sim, há muitas preocupações, muito medo, muitas divergências. Mas há também possibilidades e positividade em meio ao caos. As pessoas estão se reinventando, aprendendo incessantemente e de forma cada vez mais colaborativa. Tem sido um período repleto de trocas, de partilha de conhecimentos, de aprendizagens e de mudanças. Para muitos, essa é a chance de transformação da escola e da educação.

É tempo de muitas perguntas e poucas respostas. Tempo de incerteza, mas:



A incerteza é uma força capaz de problematizar, de dar esperança e de construir conhecimentos pertinentes. A incerteza é o motor do conhecimento. As leis seguras, imperativas e onipotentes, que pretendem fazer da vida humana uma ciência universal de conteúdos previsíveis, podem criar uma violência contra a natureza de cada ser humano (HOYUELOS, 2019, p. 50).

Há quem esteja repleto de certezas (...). Essas pessoas pouco questionam, duvidam e compartilham. Mas, na educação, o que se tem visto é a busca por respostas e a cada nova resposta encontrada, surgem tantas outras perguntas. Nesse cenário, momentos de falas virtuais, as chamadas lives, têm se propagado e as oportunidades de ouvir diferentes pontos de vista têm contribuído para a busca de sentidos, para o fazer docente, para o fazer educação de outras formas, mesmo que remotamente.

Na busca por manter o vínculo entre crianças/estudantes e escola, as estratégias têm sido as mais variadas. O repertório vai se enchendo de possibilidades. As tentativas buscam contemplar a todos e mesmo que as desigualdades e a vulnerabilidade decorrente delas sejam obstáculos para alcançar a totalidade de crianças/estudantes em idade escolar, o vínculo com a escola está sendo mantido. E, em muitos casos, tem sido ampliado e mais fortalecido do que nas aulas presenciais, antes da pandemia. Esse é mais um ponto positivo que precisa ser reconhecido. No retorno ao ensino presencial, espera-se que seja mantido!

É essencial que outras conquistas desse período também não se percam no retorno às aulas presenciais como, por exemplo, o uso das tecnologias como ferramentas de ensino e de aprendizagem. Professores(as) de todas as etapas de ensino têm feito maravilhas com os recursos tecnológicos. E pensar que, em algumas escolas, nas aulas presenciais, eram terminantemente proibidos (...) A transformação pode acontecer em situações de caos e isso é ótimo!

Iniciativas de partilha de reflexões e conhecimentos, como a elaboração desse dossiê, que traz a “escuta” de diferentes vozes, dos mais diversos contextos, para que seja possível pensar e agir coletivamente merecem ser comemoradas. Tais iniciativas tornam possível superar a crise agravada pela pandemia e sair dela mais fortalecido, carregando uma bagagem de conhecimentos, de ideias, de aprendizagens.

Que os diálogos estabelecidos de diferentes formas como em encontros virtuais e em publicações feitas por muitas mãos (como esta) possam mostrar outros possíveis. Que os outros possíveis construídos durante esse período permaneçam no retorno à escola, pois essa não será a mesma que foi deixada há meses. Que possamos seguir pensando na escola que tínhamos, na que temos agora e na que queremos ter no retorno, no futuro. E que, ao pensar em todas essas formas de escola, possamos fazê-lo com ar de dúvida, de estranhamento e não com de certeza. Afinal, que certeza(s) temos, ou podemos ter?

Diante do caos, podemos assumir uma atitude imunizante, proteger-nos dele; ou podemos potencializar essa multiplicidade para nos posicionar nas aulas com uma perspectiva diferente e possibilitar que outras coisas aconteçam na escola. O acontecimento caótico causa desordem o tempo todo, mas tudo depende da atitude que assumimos diante desse caos e da forma como o entendemos. A disposição, atitude ou posição do olhar que cada professor assume diante do caos, permite viabilizar ou obstruir o surgimento de algo novo (COLECTIVO FILOSOFARCONCHICXS, 2016, p. 26) (tradução livre).



Que o caos desta pandemia nos ajude a continuar estranhando aquilo que nos era familiar, a continuar duvidando de nossas (velhas) certezas e que, enfim, possamos seguir ressignificando as escolas, o fazer docente, a prática educativa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLECTIVO FILOSOFARCONCHICXS. Pedagogías del Caos: Pensar la escuela más allá de lo (im)posible. 1ª ed. Buenos Aires: Ediciones Seis dedos, 2016.

HOYUELOS, Alfredo. A complexidade na escola infantil. In: HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María A. Complexidade e relações na Educação Infantil. 1.ed. São Paulo: Phorte, 2019, p. 19-115.

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Angélica de Almeida Merli. Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Pedagogia, especialista em Educação Especial e Inclusiva e Psicopedagogia.

Afiliação institucional E-mail: Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria Municipal de Educação. profaangelicalmeida@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7769-9732>.

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3385817933101815>.